

A FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE:

A CONTROVÉRSIA QUANTO À PRIMAZIA FÁLICA

Flavia Gaze Bonfim[★]
Paulo Eduardo Viana Vidal^{★★}

RESUMO

Na história da psicanálise, a postulação freudiana da primazia do falo na estruturação da sexualidade suscitou uma controvérsia quanto ao seu papel na feminilidade. Com o intuito de retrarmos essa polêmica, apresentamos a elaboração freudiana, percorremos depois as formulações quanto ao devirmulher de dois pós-freudianos, Klein e Jones, que especificaram a feminilidade não através da função fállica, mas pelo deslocamento da libido oral para os genitais. Finalmente, mostramos como Lacan interferiu nessa “querela do falo”, reconhecendo que uma mulher está inscrita, mas não de todo na lógica fállica e introduzindo a noção de um gozo suplementar feminino.

Palavras-chave: feminilidade; falo; psicanálise; gozo suplementar.

WOMANLINESS IN PSYCHOANALYSIS:

THE CONTROVERSY ABOUT THE PHALLIC PRIMACY

ABSTRACT

Throughout the history of psychoanalysis, the freudian postulate of the phallus primacy in the construction of sexuality has resulted in a controversy about its role in femininity. In order to retrace this controversy, we present the freudian approach, then we review formulations on “becoming woman” by two postfreudians, Klein and Jones, who have not specified femininity through the phallic function, but through the shift from oral libido to the genitals. Last, we present how Lacan interfered in that “phallic quarrel”, acknowledging that a woman is inscribed but not wholly in the phallic logic and introducing the notion of a supplementary feminine enjoyment.

Keywords: femininity; phallus; psychoanalysis; supplementary jouissance.

[★]Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-Graduada em Psicanálise e Laço Social da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: flaviabonfim@click21.com.br

^{★★}Psicanalista. Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor-associado do Curso de Psicologia e da Pós-graduação em Psicanálise e Laço Social da Universidade Federal Fluminense. Endereço: Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais. Campus do Gragoatá, s/n - blobo O, sala 310. São Domingos, Niteroi, RJ – Brasil. CEP: 24210-350.

E-mail: pvidal@vm.uff.br

Radical é a tese avançada por Freud (1996 [1905]) nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* quanto ao fato de a estruturação sexual do sujeito não ser totalmente determinada pelas características sexuais biológicas. Disso provém a seguinte questão: como se constitui a mulher? Para formulá-la, Freud recorre ao mito do Édipo e se aproveita dessa historieta para dar conta de explicar tal proposição. Nesse percurso, a diferença anatômica é posta em significante, sendo o falo o seu representante.

Em “A dissolução do Complexo de Édipo”, Freud (1996 [1924]) foi categórico ao colocar o Édipo como o fenômeno fundamental no desenvolvimento da sexualidade. Nesse processo, foi possível perceber que ele reconheceu dois pontos cruciais no que diz respeito à estruturação sexual de ambos os sexos: 1) a mãe é o primeiro objeto de amor da criança; 2) a hipótese da primazia fálica: em “Organização Genital Infantil”, ele afirma que “o que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*” (FREUD, 1996 [1923], p.158, grifo do autor).

Sendo assim, na conferência “Feminilidade”, Freud (1996 [1932]) diz que, para a menina tornar-se uma mulher, ela deve mudar de objeto amoroso da mãe para o pai e também de zona erógena, já que o clitóris se comporta para ela como órgão genital, sendo a vagina uma região do corpo até então desconhecida. A este respeito, Freud (1996 [1931], p. 236) escrevera pouco antes que, “por muitos anos, a vagina é virtualmente inexistente e, possivelmente, não produz sensações até a puberdade”. Comparando “com o que acontece com os meninos nos mostra ser o desenvolvimento de uma menininha em mulher normal mais difícil e mais complexo.” (FREUD, 1932, p. 117). Diante disso, S. André (1998, p. 191) comenta que a “feminilidade, da qual Freud faz o objeto de sua conferência, se apresenta assim como um vir-a-ser e não como ser. [...] A mulher deve ser praticamente fabricada através de um longo trabalho psíquico.”

Para que se processe o Complexo de Édipo no caso da menina, é necessário que ela se vincule ao pai e isso se dá pelo afastamento da mãe. Como já foi assinalado, a mãe é o primeiro objeto de amor da criança, sendo investida pelo desejo tanto da menina quanto do menino. Isso porque a mãe é geralmente quem desperta na criança suas primeiras sensações prazerosas através dos cuidados oferecidos ao bebê. Nesse período, o pai, independentemente do sexo da criança, como nos diz Freud, é apenas um rival incômodo. Observa Freud (1996 [1932]) que, no início, a menina desfruta, então, de uma sexualidade fálica na medida em que sua posição é tal como a de um “homenzinho” nesse momento. Além do amor dirigido à mãe, inicialmente – como já assinalamos – a menina não faz distinção entre os sexos e até mesmo ignora a existência de seu próprio órgão sexual, a vagina. Para a menina, seu clitóris se comporta como um pênis, atribuindo a este o mesmo valor que o menino confere a seu órgão.

O afastamento da figura materna pela menina não ocorre de forma tranquila e é permeado por hostilidade. No artigo sobre a “Sexualidade Feminina”, Freud (1996 [1931]) enumera os motivos que levam a menina a se afastar da mãe: ciúmes, o desmame, a incapacidade de obter satisfação amorosa em relação à

mãe, a ideia de não ter sido amamentada e amada suficientemente, as proibições à masturbação por parte da mãe. Entretanto, o motivo principal surge do efeito do complexo de castração sobre a menina. Perceber a mãe castrada e encarar-se castrada são, por assim dizer, os grandes motivos que levam ao distanciamento da mãe (FREUD, 1996 [1931], p. 241-242). O amor era dirigido à mãe enquanto ser fálico. Soma-se a isso o fato de a menina culpar a mãe por tê-la feito sem a força fálica e por não lhe ter ensinado a valorizar o seu corpo de mulher. Sobre a mudança de objeto amoroso, adverte S. André (1998, p. 192): “essa transformação nada tem de um processo ‘natural’ [...] o que empurra a menina para o pai não é a atração pelo homem, mas o ódio pela mãe.”

Freud identifica a função fálica como a organizadora da sexualidade feminina na medida em que será pelo desejo de ter o falo que se processará o acesso à feminilidade. Esta só será “normal” se, após a menina se deparar com a castração, assumir uma posição menos ativa e dirigir impulsos passivos ao pai, ao qual se remete visando obter o atributo fálico. Porém, a condição feminina só se concretizaria, considera Freud (1996 [1932]), se o desejo de possuir o falo for substituído pelo desejo de ter um bebê do pai, o que marca o início do Complexo de Édipo na menina. Resumindo: “A feminilidade da mulher deriva de ‘ser castrada’: mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem.” (SOLER, 2005, p. 26).

Freud aproxima o “vir-a-ser” feminino ao desejo de ter um bebê – correlato do desejo de possuir um falo. Temos a impressão de que ele reduz o desejo da mulher ao desejo do falo, que se concretizaria com a possibilidade de ter um filho. Entretanto, é possível pensar que, quando Freud postula a questão “O que quer ‘a’ mulher?” – modificada a partir da perspectiva lacaniana para: “O que quer ‘uma’ mulher?” (ANDRÉ, 1998), é como se afirmasse indiretamente nesta pergunta que o desejo feminino vai além do ter o falo, senão ela estaria solucionada. Há um algo mais, e aí está o enigma. Contudo, não há como negar os comprometimentos de suas teorias ao postular que a constituição feminina passa por querer ter um filho. Com Lacan, sabemos que o desejo da mulher não se reduz a ser mãe. Entre a mulher e a mãe há uma hiância. Dificilmente um filho pode estar neste lugar de saturar o desejo e, quando está, é uma situação problemática.

É nesse contexto teórico e histórico que uma série de discussões se deram entre Freud e os pós-freudianos discussões que Lacan (1999 [1957-8]) denominou “querela do falo”. Entre os pós-freudianos, temos em E. Jones o seu representante. Este começa o seu artigo “O desenvolvimento inicial da sexualidade feminina” (JONES, 1977 [1927]) assinalando que o preconceito de Freud o impedia de obter mais esclarecimentos acerca dos estágios iniciais do desenvolvimento feminino tal como se tinha do desenvolvimento masculino. Assim, comenta o autor que “Há uma saudável e crescente suspeita de que os analistas homens são levados a adotar uma visão falocêntrica injustificada dos problemas em questão, sendo, em contrapartida, subestimada a importância dos órgãos femininos.” (JONES, 1927, p. 439).

Antes porém de darmos prosseguimento a essa discussão, vale esclarecer um conceito importante proposto por Jones – a noção de “afânise”. Este foi um termo cunhado para tratar do desaparecimento do desejo. Segundo Jones (1977 [1927]),

a noção de castração refere-se ao “pênis” – termo utilizado pelo autor em seu texto. Tendo a mulher já vivenciado o sentimento de ser castrada, o temor da afânise consistiria no medo de perder a capacidade de gozar e obter prazer, sendo este o verdadeiro temor fundamental concernente a todas as neuroses. Jones explica que o temor da afânise, apesar de se manifestar nos dois sexos, tende a ser diferente no homem e na mulher. Para o homem, a afânise equivale à castração. Na mulher, o medo primitivo seria o de separação da mãe (enquanto rival) ou do pai (enquanto aquele que lhe recusa satisfazer seus desejos).

Jones situou o desenvolvimento inicial da sexualidade na mulher a partir do estágio oral e sua transição direta ao Complexo de Édipo estaria associada a uma identificação com a mãe. Ele postulava que, no desenvolvimento da mulher heterossexual, o estágio sádico se colocaria mais tarde, de modo que nem o estágio oral nem o clitoriano receberiam catexias sádicas poderosas. Com isso, o clitóris não se associaria a uma atitude masculina ativa e nem à fantasia sádico-oral de morder e arrancar o pênis se desenvolveria. Ocorreria, então, a passagem bem-sucedida de um estágio oral (por meio de uma atitude oral passiva, principalmente de sucção) ao estágio anal – comportando-se a boca e o ânus como órgão sexual feminino.

Jones considerava que a atitude da menina quanto ao pênis é positiva e é manifestada pelo desejo de sugá-lo. O desejo de possuir um pênis emerge através do desejo de compartilhá-lo mediante uma ação semelhante ao ato sexual por meio da boca, do ânus ou da vagina. Jones esclarece que é a privação de uma satisfação que visava compartilhar o pênis no coito com o pai e com isso, talvez, obter um bebê que reativa o desejo inicial da menina de ter um pênis. Essa privação, por ser uma situação insuportável, tem o mesmo peso que o temor da afânise. Diante dessa insatisfação, a menina pode optar entre dois caminhos para garantir o escoamento da sua libido, caminhos que culminarão no desenvolvimento hétero ou homossexual. A menina pode escolher entre sacrificar sua ligação erótica com o pai ou sua identificação anal com a mãe.

Renunciando à ligação com pai, “desenvolvem-se desejos femininos no plano adulto – isto é, encanto difuso e erótico (narcisismo), atitude vaginal positiva no coito, culminando na gravidez e no nascimento de uma criança” (JONES, 1977 [1927], p. 444). Ou seja, dá-se o desenvolvimento heterossexual, pois a identificação com a mãe é mantida. Nas palavras do autor, “A resposta da menina é em parte preservar sua feminilidade às custas de renunciar ao pai e em parte obter satisfação compensatória de seus desejos incestuosos em sua imaginação através da identificação como a mãe.” (JONES, 1977 [1927], p. 449). Caso a menina mantenha o vínculo com o pai, a relação de objeto será convertida em identificação e a menina desenvolverá um complexo de pênis – sinal da escolha homossexual.

Desse modo, para o autor a fase fálica na menina é uma forma moderada de identificação ao pênis paterno (diferente da intensidade dessa identificação no caso das mulheres homossexuais), tendo uma natureza secundária e defensiva, não correspondendo a uma etapa verdadeira do desenvolvimento da mulher

heterossexual. Assim, a identificação com o pai tem como objetivo recalcar os desejos femininos e se mostra como uma defesa contra o perigo da afânise, da não gratificação dos desejos incestuosos.

Um outro ponto de impasse entre Freud e Jones refere-se ao desconhecimento da vagina afirmado pelo primeiro. Baseando-se em análises conduzidas por ele e por Melanie Klein, Jones (1977 [1927]) aponta que o desenvolvimento libidinal da menina pode passar precocemente do estágio oral em direção ao clitoris e à *felatio*. Klein (1996 [1928]), por sua vez, em “Os Estágios Precoces do Conflito Edípico”, diz que está completamente de acordo com H. Deutsch (1996) quando esta propõe que o desenvolvimento genital da mulher se completa com o deslocamento da libido oral para os genitais. Além disso, a autora afirma que é levada a concluir que “uma noção inconsciente da vagina, assim como sensações nesse órgão e no resto do aparelho genital, são despertadas logo que surgem os impulsos edípicos.” (KLEIN, 1996, p. 222).

Convém ressaltar que, para Klein, o Complexo de Édipo começa a se apresentar mais cedo do que acreditava Freud e que, desde seu início, os impulsos edípicos ficam associados ao medo da castração e a sentimentos de culpa. Ela supõe que os impulsos edípicos emergem quando o bebê experimenta a frustração do desmame e são reforçados pelas frustrações anais sofridas durante a aprendizagem dos hábitos higiênicos.

No que diz respeito à diferença anatômica entre os sexos, Klein diz que, quando o menino troca da posição oral e anal para a genital, passa a ter o objetivo da penetração associado à posse do pênis. Observa que ele muda de posição libidinal e de objetivo, permitindo-lhe manter o mesmo objeto amoroso. Quanto à menina, ela muda sua posição libidinal de oral para a genital, mas mantém o objetivo receptivo da fase oral. Ou seja, a menina desenvolve a receptividade para o pênis, a qual influencia sua escolha do pai como objeto amoroso (KLEIN, 1996, p. 216).

Dizendo de outro modo, para Jones e Klein as sensações erógenas na boca e no ânus são deslocadas para a vagina – o que garante seu conhecimento. Entretanto, Jones (1977 [1927], p. 489) comenta que “O ânus é identificado evidentemente com a vagina no início, e a diferenciação de ambos é um processo extremamente obscuro, talvez mais que qualquer outro do desenvolvimento feminino”. Concluímos, aqui, que o próprio psicanalista sinalizou – o que Lacan veio denunciar mais tarde – que suas construções teóricas não lhe permitiram esclarecer a temática da sexualidade feminina. Lacan (1999 [1957-8], p. 287) objeta à concepção de Jones que “se a questão fosse apenas uma migração da pulsão erótica, veríamos traçada a via real da evolução da feminilidade no nível biológico. É disso mesmo que Jones, com efeito, faz-se o defensor e o teórico”.

Identificamos nas construções de Jones que a feminilidade, em oposição ao pensamento freudiano, não é mais especificada através da função fálica, mas pelo deslocamento da libido oral para os genitais, estando desse modo em profunda consonância com as teorizações kleinianas. Houve, então, um impasse no movimento psicanalítico: de um lado, Freud enfatizando a supremacia fálica na estruturação sexual feminina e, do outro lado, os pós-freudianos questionando tal

supremacia, de certa maneira dando voz às reivindicações das feministas. Pois, nos termos freudianos, a feminilidade passa a ser definida por meio de sua parceria com o homem, na medida em que a menina, ao se descobrir privada do falo, torna-se mulher quando espera o objeto fálico daquele que ela julga tê-lo.

Daí, então, emerge toda uma discussão a respeito da suposta hierarquização dos sexos na abordagem freudiana – problematização inerente ao movimento feminista e transmitida no meio psicanalítico por Jones. A luta feminista foi um importante movimento de contestação cuja meta era conquistar os mesmos direitos sociais e políticos que os homens, porém, sustentado no ideal de que a mulher deveria ocupar seu lugar na sociedade de forma equivalente ao homem. Observamos em tal movimento, porém, uma incapacidade de pontuar a diferença entre a sexualidade feminina e a masculina. Nesse sentido, apoiadas num ideal de igualdade, as feministas criticaram a abordagem freudiana, pois, para elas, identificar a falta fálica no núcleo do desenvolvimento da mulher seria, portanto, colocá-la sob o signo de uma inferioridade de valor.

Lacan retomou as questões levantadas nesse impasse e foi criterioso ao tratar da temática da feminilidade. Segundo Soler (2005), ele discutiu a questão da referência fálica como responsável pela estruturação sexual feminina, mas o fez em dois momentos. O primeiro, por volta de 1958, deu origem a dois textos fundamentais a toda discussão: “A significação do falo” (LACAN, 1998 [1958]) e “Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina” (LACAN, 1988 [1960]), nos quais podemos identificar uma aproximação maior com a perspectiva freudiana e uma tentativa de denunciar o “extravio” que os seguidores de Freud impuseram à obra do mesmo. Quanto ao segundo momento, no seminário *Mais, Ainda* (LACAN, 1985 [1972-3]) e no *O Aturdido* (LACAN, 2003 [1973]) a abordagem da feminilidade sofre uma virada teórica decisiva.

Nos artigos do primeiro momento, Lacan foi implacável nas críticas dirigidas a Klein, Jones e outros. No primeiro texto especialmente, Lacan procurou, mais do que apenas rebater as formulações dos pós-freudianos, estabelecer o real lugar do falo nas teorizações de Freud, lugar que vinha sendo desconsiderado por esses autores. Para Lacan (1998, [1958]), o falo na doutrina freudiana não é uma fantasia, nem um objeto parcial, muito menos o órgão (pênis ou clitóris) que ele simboliza: o falo é um significante, significante que garante aos outros objetos a possibilidade de se comportarem como equivalentes na ordem do desejo, inseridos no registro da castração. Nas palavras do autor: “O fato é que o desejo, seja ele qual for, tem no sujeito essa referência fálica” (LACAN, 1999 [1957-8], p. 285).

Já no segundo texto, além das críticas feitas, Lacan se interroga “se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher.” (LACAN, 1988 [1960], p. 739) Foi justamente essa pergunta que abriu caminho para as suas construções posteriores a respeito do gozo feminino. Nesse tempo, que supomos de “elaboração”, Lacan não deixou de falar sobre a mulher, mas não há como negar a existência de um corte na teoria lacaniana ao tratar da fe-

minilidade. Um hiato que divide o pensamento lacaniano ainda às voltas em sua defesa da primazia fálica e uma outra abordagem que vai além do Édipo, sendo neste além que ele situou a feminilidade.

Lacan formalizou esse além do Édipo em referência à lógica, sendo esta a única capaz de regular o que é essencialmente diverso, a saber, o gozo de cada sexo. Assim, na teoria lacaniana, temos o registro edipiano sustentando a posição masculina, ao passo que a feminilidade está referenciada no além Édipo, postos sob a oposição de duas lógicas – a do todo-fálico nos homens e do não-todo nas mulheres – e também à duas espécies distintas de gozo – o fálico e o suplementar. Convém assinalar nesse ponto que esta divisão não corresponde à distinção anatômica entre os sexos, mas se trata de uma posição subjetiva determinada no próprio discurso do sujeito, muitas vezes em desacordo com sua anatomia. A maternidade e a histeria são exemplos de como uma mulher pode estar situada na posição todo-fálico. Em ambos os lados, a função fálica está em jogo na estruturação sexual, porém situar-se de um lado ou de outro depende da maneira como o sujeito está assujeitado a ela.

Lacan (1985 [1972-3]) se refere ao gozo feminino como um gozo suplementar – sendo rigoroso no uso dessa palavra. Ele escreve: “eu disse *suplementar*. Se eu estivesse dito *complementar*, aonde é que estaríamos! Recairíamos no todo.” (LACAN, 1985 [1972-3], p. 99, grifo do autor) De maneira bem simplista, podemos, através do significado dessas palavras que Lacan põe em destaque, perceber a sutileza de seu enunciado. De acordo com o *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 2000), “suplemento” significa a parte que se adiciona a um todo para ampliá-lo e “complemento” é aquilo que completa, formando um todo. Nesta sentença, Lacan enfatiza aquilo que é fundamental sobre a discussão a respeito do gozo feminino: a mulher é não-toda e seu gozo está situado num “além”. Não há um conjunto fechado, um todo, no lado das mulheres.

Com isso, Lacan não recusou totalmente a proposição edípica, mas apontou que em seu horizonte só podemos reconhecer a lógica do todo-fálico, que produz a posição masculina, mas não a feminina. Vimos, com isso, Lacan articular a discussão sobre a questão da primazia fálica de forma totalmente distinta da apresentada por Freud e por seus sucessores. Ele situou a dissimetria entre os sexos além do significante fálico, tendo a mulher um gozo dividido por estar não-toda inscrita na função fálica. É importante afirmar que o falo continua a ser o único significante sexual, mas passam a existir duas possibilidades de inscrição na função fálica: todo-fálico ou não-todo fálico. Não-todo quer dizer que o ser feminino está submetido a um outro gozo, o suplementar, que não está excluído da referência fálica, mas que antes a ultrapassa. A questão principal acerca da feminilidade é como o gozo fálico e o Outro gozo se encontram na mulher.

Apesar de o gozo feminino não estar situado no mesmo registro que o do homem, é a partir do gozo fálico que podemos supor um outro gozo. O gozo fálico, por estar articulado ao significante, nos faz supor que há uma “outra coisa”, um “mais-além”, na medida em que a função do significante é evocar outra coisa além do que ele diz e produzir seu mais além. Assim, não se pode falar em um

gozo Outro senão a partir do gozo sexual limitado do órgão. É uma espécie de gozo não-todo referido ao falo, que, no entanto, não escapa de estar de alguma maneira nele. Lacan (1985 [1972-3], p. 100) comenta que “Não é porque ela [a mulher] é não-toda na função fálica que ela deixa de estar nela de todo. Ela não está lá de todo. Ela está lá à toda”. Dizendo de outro modo, não existe mulher para quem a função fálica não funcione, não há mulher que não esteja assujeitada à castração, todavia, a mulher é não-toda referida à castração, de modo que nem tudo em uma mulher está submetido a lei do significante. A castração se coloca para a mulher dividindo-a. Ao contrário do que acontece com a mulher, a castração no ser masculino o unifica sob o significante “homem”. Na mulher, a castração a desdobra. Dessa maneira, uma mulher sente que uma parte de si está submetida ao gozo fálico, enquanto a outra situa-se no gozo Outro, no gozo do corpo. Vale ressaltar ainda nesse ponto que o gozo Outro não é um traço particular do feminino e o gozo fálico, do masculino; mas o que está em jogo é o modo como esses dois tipos de gozo se encontram na mulher.

Entendemos que a consequência para uma mulher de não estar inscrita totalmente na lógica fálica é a falta de um significante que fundamente seu ser. Isto porque o falo é o único significante da sexuação, assim, em termos de significante há apenas um sexo – o masculino. Para o inconsciente, o Outro sexual não existe, “A mulher não existe”. O sexo da mulher é um buraco, um vazio – o que remete o sujeito ao impossível de simbolizar. A mulher não possui um traço identificatório em que possa apoiar sua posição feminina e é, nesse sentido, que a feminilidade surge como uma “máscara” – tomando de empréstimo o termo de Riviere (2005[1929]) – que recobre o vazio de nomeação. Teixeira (1991) comenta que a atenção, a curiosidade e o fascínio que as mulheres têm umas pelas outras testemunham o fato de que cada uma busca na sua semelhante uma traço da feminilidade que lhe falta, de modo que o corpo da outra mulher passa a ser tomado como suporte de sua identificação imaginária, na ausência de um reconhecimento simbólico.

Fuentes (2001) escreve que a mulher, sem um significante para representá-la, acaba se refugiando numa máscara para ser desejada por um homem, mostrando-se como aquilo que lhe falta. Assim, Fuentes (2001, p. 53) afirma: “para ser objeto de um homem, uma mulher o será na condição de semblante”. Por ser uma máscara, ela pode ter várias faces. Mas o impressionante é que a face fálica se apresenta como própria da mascarada feminina. Todavia, de tanto se apresentar como uma mulher fálica, ela pode acreditar ser possível saturar a falta que a faz mulher, não-toda. A histérica faz isso, porém, quanto mais ela se aliena no lugar do falo, mais distante permanecerá do gozo que lhe é próprio, que não complementa, mas ultrapassa o gozo fálico.

Aceitar a falta de fundamento é a saída que Lacan propõe para o impasse do Édipo feminino na teoria freudiana. Escolher essa opção é se defrontar com a constatação de que “A Mulher não existe”, que cada mulher deve ser contada uma a uma. Brousse (2005) comenta que Lacan, ao tomar as mulheres uma a uma, fora do conjunto, fora do universal, responde ao mesmo tempo ao “enigma do continente negro” freudiano (modo como a sexualidade feminina foi apre-

dida por Freud) e também ao movimento feminista, que fora incapaz de precisar a diferença entre a sexualidade feminina e masculina. Dizendo de outro modo, as mulheres não fazem Um como os homens, mas permanecem em sua infinitude.

Sendo assim, no nível do discurso inconsciente, não existe relação de complementação possível entre dois sexos opostos, visto que o gozo, enquanto sexual, é fálico e não se relaciona com o Outro (LACAN, 1985 [1972-3]). A partir disso, Lacan (1985 [1972-3]) conclui: “Não há relação sexual.”, não há a possibilidade de completude a que o amor visa. A relação sexual não existe na medida em que ela nunca é aquilo que deveria ser, pois, como formulou Lacan, a mulher goza do corpo e o homem goza totalmente referido ao falo, significante fora do corpo. Diferentemente do homem que:

[...] é provido do órgão dito fálico [...] o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo, [sendo propriamente o gozo fálico] o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão (LACAN, 1985 [1972-73], p. 15).

Não há encontro possível.

Diante disso, podemos concluir que as teorizações sobre a feminilidade na história da psicanálise foram permeadas pela discussão das controvérsias a respeito da primazia fálica na estruturação sexual feminina. Num primeiro momento, temos a abordagem freudiana que coloca o falo como o estruturante da sexualidade masculina e feminina, seguido pelos debates dos pós-freudianos contrários a tal postura e que apontavam para uma equidade entre os sexos, chegando à teoria de Lacan, que propõe outro tipo de gozo na mulher por ela não estar marcada totalmente pela lógica fálica.

REFERÊNCIAS

- ANDRE, S. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- BROUSSE, M. H. Feminismo. In: _____. *Scilicet dos Nomes do Pai*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2005. p. 55-56.
- FERREIRA, A. *Miniaurélio Século XXI*: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. rev., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII. Edição *standard* brasileira.
- FREUD, S. A dissolução do Complexo de Édipo (1924). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX, p. 173-183. Edição *standard* brasileira.

FREUD, S. A organização genital infantil (1923). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX, p. 155-161. Edição *standard* brasileira.

FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXI. p. 231-251. Edição *standard* brasileira.

FREUD, S. Feminilidade (1932). In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXII, p. 113-134. Edição *standard* brasileira.

FUENTES, M. J. O exílio da mulher. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 31, p. 52-55, set. 2001.

JONES, E. O desenvolvimento inicial da sexualidade feminina (1927). In: _____. *Papers on Psychoanalysis*. London: Maresfield, 1977. p. 438-451.

KLEIN, M. Estágios iniciais do conflito edipiano (1928). In: _____. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 214-227.

LACAN, J. A menina e o falo. In: _____. *As formações do inconsciente.* (1957-8) Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. v. 5, p. 280-297.

LACAN, J. A significação do falo.(1958) In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 692 -703.

LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988. p. 734-748.

LACAN, J. *Mais, ainda.* (1972-3), In: _____. *Seminário*, Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985. v. 20.

LACAN, J. *O Aturdido.*(1973) In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 448-497.

RIVIERE, J. A feminilidade como máscara (1929). *Psyquê*, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 13-24, jul./dez. 2005.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

TEIXEIRA, M. *A feminilidade na psicanálise e outros ensaios*. Salvador: Álgama, 1991.

Recebido em: fevereiro de 2009

Aceito em: setembro de 2009